

4. Artigo

A Dialética Entre o Homem e a Natureza Através do Trabalho The Dialectic Between Man and Nature Through Labour

Valmir Ricardo Fassbinder*

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre a dialética entre homem e natureza. De início, apresenta alguns dos diversos conceitos atribuídos à dialética, suas principais dimensões filosóficas e, em seguida, discorre sobre as mudanças de conceito e sua interação na relação entre homem e natureza. Essa inter-relação pressupõe atitudes e resultados que irão interferir de alguma forma, e em momentos futuros, do ponto de vista dialético, entre o homem e suas interações com a natureza através do trabalho.

Palavras-chave: Dialética; interação; reciprocidade; autodinamismo.

Abstract

This paper present a study on the dialectic between man and nature. To start with some of the various concepts attributed to the sense of dialectics, its main philosophical dimensions, and then discusses the changes to the concept and its interaction in the relationship between man and nature. The interrelationship between man and nature requires attitudes and results that will interfere in any way in future moments of the dialectical point of view, between man and his interactions with nature through work.

Keywords: Dialectical; interaction; reciprocity; self-dynamism.

Breves considerações sobre dialética

A palavra *dialética* tem sua origem na Grécia e significa a arte do diálogo, da contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias.

O conceito de dialética, porém, é utilizado por diferentes doutrinas filosóficas e, de acordo com cada uma, assume um significado distinto. Para Platão¹, a dialética é sinônimo de filosofia, o método mais eficaz de aproximação entre as ideias particulares e as ideias universais, ou puras. Para esse, seria a técnica de perguntar, de responder e de refutar, a qual ele teria aprendido com Sócrates. O mesmo autor considera que é apenas por meio do diálogo, que o filósofo deve procurar atingir o verdadeiro conhecimento, partindo do mundo sensível e chegando ao mundo das ideias. Pela decomposição e investigação racionais de um conceito, chega-se a uma síntese, que também deve ser examinada, num processo infinito que busca a verdade.

Na doutrina de Aristóteles, citada por Pereira², a dialética surge

* O autor é Bacharel em Direito pela UCS e Especialista em Direito Ambiental e Relações de Trabalho pela mesma instituição, advogado atuante no segmento trabalhista e professor no curso de Especialização em Direito Processual do Trabalho promovido pelo Dpto. de Pós Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul, através do sistema EAD, endereço profissional: Avenida 15 de Novembro, 1661, Sl. 26, em Nova Petrópolis, RS, e-mail: valmirrfassbinder@gmail.com.

¹ Conforme informações disponíveis na internet; <http://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/dialetica.html>. Acesso em 05 ago. 2011.

² PEREIRA, Oswald Porchat. Ciência dialética em Aristóteles. São Paulo: Unesp, 2001, p. 358.

... a partir do uso de um método cujo ponto de partida são, tão somente, as opiniões, a opinião da maioria ou, ainda, a opinião dos sábios, de todos ou apenas de alguns, embora não se confunde opinião e verdade (já que opinião comporta a falsidade e concerne igualmente ao verdadeiro e ao falso), embora baste ao raciocínio dialético que algo pareça verdadeiro, ainda que não o seja (p. 358).

Daí conclui-se que dialética pode ser definida como a lógica do provável, do processo racional que não pode ser demonstrado. Em outras palavras, provável é o que parece aceitável a todos ou à maioria ou aos mais conhecidos e ilustres. Segundo Ramos³, alemão Kant define a dialética como sendo a "ciência das ilusões" (p. 78). Para ele, a dialética corresponde à lógica da aparência, pois se baseia em princípios que, na verdade, são subjetivos. Em seus estudos sobre o tema ainda ensina que: "essa idéia da oposição de forças atuando em equilíbrio ordenado por um fenômeno progressivamente lógico, todavia. Desde Platão mostrava-se capaz de fornecer a nova "chave" do entendimento sobre a natureza e a História." (p. 79).

Em sentido bastante genérico, Houaiss (2001, p. 1.030) define dialética como oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos.

Como dito acima, no platonismo, a dialética refere-se a um processo de diálogo, a um debate entre interlocutores profundamente comprometidos com a busca da verdade incessante, que se eleva gradativamente, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis, ou ideias.

No aristotelismo, a dialética pode ser entendida como um raciocínio lógico que, coerente em seu encadeamento interno, está fundamentado apenas em ideias prováveis e, por essa razão, traz sempre em seu âmago a possibilidade de sofrer uma refutação. Já no hegelianismo, a dialética traduz uma lei que caracteriza a realidade como um movimento incessante e contraditório, condensável em três momentos sucessivos: tese, antítese e síntese, que se manifestam simultaneamente em todos os pensamentos humanos e em todos os fenômenos do mundo material.

Do ponto de vista da dialética marxista, trata-se de um método de análise da realidade, que vai do concreto ao abstrato e que oferece um papel fundamental para o processo de abstração.

Sabe-se que a dialética teve origem na Grécia, porém, ainda não é pacífico o entendimento quanto a quem teria sido o fundador da dialética. Enquanto alguns acreditam que tenha sido Sócrates, outros, assim como Aristóteles, acreditam que tenha sido Zênão de Eléa. Na Grécia antiga, a dialética era considerada a arte de argumentar no diálogo. Atualmente é considerada o modo de pensar as contradições da realidade, o modo de compreender a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

A dialética alcançou reais dimensões na filosofia hegeliana, no período compreendido entre 1770 e 1831. Foi principalmente a partir desse momento, que passou a ser considerada uma ciência.

Considerando as diferentes interpretações quanto ao número de leis fundamentais do método dialético pelos diferentes autores, de modo simplificado, podem-se destacar como sendo as principais, quatro leis:

a) ação recíproca, considerando a unidade polar ou "tudo se relaciona";

³ RAMOS, César Augusto Duarte. A alienação da dialética. São Paulo: Book Brasil, 2003, p. 78-79.

- b) mudança dialética, negação da negação ou "tudo se transforma";
- c) mudança qualitativa ou passagem da quantidade à qualidade; e
- d) interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários.

Em verdade, a filosofia descreve a realidade e a reflete, portanto, a dialética não busca a interpretação, mas a reflexão acerca da realidade. Por isso, seus três momentos antes mencionados: tese, antítese e síntese, não são um método, mas derivam da própria dialética, da natureza das coisas.

Ação recíproca

Diversos autores concordam no sentido de que a dialética se forma de um mundo de ideias e contradições em constante mutação. Segundo Engels (1979), a dialética é a

grande idéia fundamental segundo a qual o mundo não deve ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos em que as coisas, na aparência estáveis, do mesmo modo que os seus reflexos intelectuais no nosso cérebro, as idéias, passam por uma mudança ininterrupta de devir e decadência, em que finalmente, apesar de todos os insucessos aparentes e retrocessos momentâneos, um desenvolvimento progressivo acaba por se fazer hoje. (p. 214).

Dentro dessa linha filosófica, pode-se afirmar que para a dialética as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; pois o fim de um processo é sempre o começo de outro. Assim, concorda-se com o fato de que as coisas não existem isoladamente, destacadas umas das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente.

Segundo os ensinamentos de Stálin (1982), pelo método de interdependência e ação recíproca, nos termos da primeira lei antes mencionada, conclui-se que o método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, quando encarado isoladamente, fora dos fenômenos circundantes. Qualquer fenômeno, não importa em que domínio da natureza, pode ser convertido num contra-senso quando considerado fora das condições que o cercam, quando destacado destas condições. Ao contrário, qualquer fenômeno pode ser compreendido e explicado, quando considerado do ponto de vista de sua ligação indissolúvel com os fenômenos que o rodeiam, quando considerado tal como ele é, condicionado pelos fenômenos que o circundam.

Politzer et al. (1979), discorrendo sobre a primeira lei do método dialético, fazem a seguinte explanação: determinada mola de metal não pode ser considerada à parte do universo que a rodeia, pois foi produzida pelo homem com o metal extraído da natureza. Ela está sujeita a modificações pelo fato de atuar sobre a gravidade, o calor, a oxidação e assim por diante. Se um pedaço de chumbo for suspenso na mola, esse distenderá seu ponto de resistência de modo a formar, junto com a mola, um todo, tendo essa interação e conexão recíproca.

Sabe-se que a mola é formada por moléculas ligadas entre si e, quando não pode se distender mais, quebra, ou seja, rompe-se da ligação entre determinadas moléculas. Portanto, a mola não distendida, a distendida e a rompida apresentam, uma de cada vez, um tipo diferente

de ligação entre as moléculas. Da mesma forma, uma planta ou um animal não existe a não ser em unidade e por ação que provoca no meio ambiente. Todos os aspectos da realidade prendem-se por laços necessários e recíprocos.

No campo de direito, segundo Nader⁴ a sociedade cria o Direito e ao mesmo tempo se submete aos seus efeitos, porém, as condições ambientais favoráveis à interação social não são abtidas com a pura criação do Direito. É necessário que a lei ganhe efetividade de modo que os comandos por ela estabelecidos sejam vividos e aplicados nos diferentes níveis do relacionamento humano.

A mudança dialética

Todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera-se por meio de contradições ou mediante a negação de uma coisa, e essa negação se refere à transformação das coisas. A dialética é a negação da negação.

A negação da afirmação implica negação, mas a negação da negação implica afirmação. Quando se nega algo, diz-se não. Ora, a negação, por sua vez, é negada. Por isso, se diz que a mudança dialética é a negação da negação. O processo da dupla negação engendra novas coisas ou propriedades: uma nova forma que suprime e contém, ao mesmo tempo, as primitivas propriedades.

O ponto de partida é a tese, proposição positiva: essa proposição se nega ou se transforma em seu contrário, a proposição que nega a primeira é a antítese e constitui a segunda fase do processo; quando a segunda proposição, a antítese, é negada, obtém-se a terceira proposição ou síntese, que é a negação da tese ou antítese.

Assim, conclui-se que a união dialética não é uma simples adição de propriedades de duas coisas opostas, simples mistura de contrários, por isso seria um obstáculo ao desenvolvimento. A característica do desenvolvimento dialético é que ele prossegue por meio de negações.

No mesmo norte, os ensinamentos de Engels, citado por Politzer et al. (1979, p. 2002), para quem "na dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas". Assim, na dialética, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório.

Com efeito, quando se fala em dialética, não se fala apenas de movimento, mas também de autodinamismo, ou seja, da sua propriedade de mover-se por sua própria força.

Como dito, a dialética pressupõe movimento, autodinamismo, porém, diferentemente do *método causal*, no qual se estabelecem relações de causa e efeito entre os fatos, como, por exemplo, o efeito da radiação solar que provoca a evaporação da água, que, por sua vez, contribui para a formação de nuvens, que, a seu tempo, se transformam em chuva, o modo dialético busca elementos conflitantes entre dois ou mais fatos para explicar uma nova situação decorrente desse conflito.

Nesse cenário, como elementos do esquema básico do método dialético, tem-se a tese, a antítese e a síntese. A *tese* é uma afirmação ou situação inicialmente dada. A *antítese* é uma oposição à tese. Do conflito entre tese e antítese surge a *síntese*, que é uma situação nova, que carrega dentro de si elementos resultantes desse embate. A *síntese*, então, torna-se uma nova

⁴ NADER, Paulo. Introdução ao estudo do Direito, 20 ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense, 2000, p. 3-4.

tese, que contrasta com uma nova antítese, gerando uma nova síntese, a partir de um processo em cadeia e infinito.

Essa contradição não é apenas do pensamento, mas da realidade, já que ser e pensamento são idênticos. Essa é a proposição da dialética como método, que surge a partir da concepção hegeliana. Tudo se desenvolve pela oposição dos contrários: filosofia, arte, ciência e religião são vivos devido a essa dialética. Então, tudo está em processo de constante *devenir*.

A dialética hegeliana é idealista, aborda o movimento do espírito. Engels retomou, em seu livro *A dialética da natureza*, alguns elementos de Hegel, concebendo a dialética como sendo formada por leis, abordadas no item anterior.

Dialética e trabalho

A diferenciação do homem perante os animais se faz a partir do momento em que ele começa a produzir para viver. Entretanto, o ser humano não age apenas em função das necessidades imediatas, nem se guia pelos instintos, como fazem os animais. Os homens são capazes de antecipar na sua mente os resultados das suas ações, sendo, desse modo, capazes de escolher os caminhos que irão seguir.

É como Marx descreve em *O Capital*: o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele constrói o favo na cabeça, antes de construí-lo em cera. Segundo Marx (1975, p. 150), no fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. Assim, o trabalho criou para o homem a possibilidade de ir além da pura natureza, podendo contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos, conquistando, desse modo, certa autonomia por meio do trabalho.

A atividade do homem, ou o trabalho, pode ser visto em dois sentidos diferentes no pensamento de Marx. Primeiro, num sentido antropológico, quando se percebe a dependência do ser ao seu próprio meio (receptividade sensível, carência, emocionalidade, suscetibilidade).

Isto é explicitamente citado pelo autor (1974), numa passagem dos *Manuscritos econômico-filosóficos*.

O homem é imediatamente ser natural. Como ser natural, e como ser natural vivo, está, em parte, dotado de forças naturais, de forças vitais, é um ser humano ativo; estas forças existem nele como disposição e capacidade, como instintos [...], é um ser que padece, condicionado e limitado [...], isto é, os objetos de seus instintos existem exteriormente, como objetos independentes dele; entretanto esses objetos são objetos de seu carecimento, objetos essenciais, imprescindíveis para a efetuação e confirmação de suas forças essenciais. (p. 40).

É evidente que qualquer ser vivo tem uma vinculação de metabolismo com a natureza, porém, no caso do homem, tal relação é concretizada pelo trabalho, o que significa que o homem só pode exteriorizar sua vida via objetos reais, efetivos e sensíveis.

Outra visão do trabalho, que ultrapassa o sentido antropológico, é de cunho teórico-gnosiológico, isto é, o trabalho social aparece como uma categoria da teoria do conhecimento tradicional, cuja relação sujeito-objeto não é mais abstrata; é, antes de tudo, uma ligação prática construída pelo trabalho. Vieira (2012, p. 49), define bem esta visão em sua pesquisa:

Nesse contexto, pensamos que a caracterização da história como ação do homem sobre o mundo é a capacidade de ele ultrapassar a natureza, fazendo dessa o seu mundo, colocando as coisas a seu serviço; isso implica que o homem não se resume a viver como os outros seres vivos, mas encontra forma de, nesse viver, fazer a história (ao fabricar instrumentos de superação da natureza), atitude que denota sua socialização.

Assim, o trabalho é tido com um meio concreto de transformação da realidade. A atividade do trabalho é o despertar das forças da natureza com a intenção de modificá-las e até de dominá-las. Na medida em que o homem se apropria das forças naturais pelo trabalho, faz com que a própria natureza trabalhe com os interesses e as necessidades humanas.

Exemplo prático disso é quando se constrói um moinho perto de um rio e, com a da força das águas, se move a roda e se produz energia. O trabalho humano é a atividade de dominar a natureza, e, nesse sentido, o mundo natural é o momento da *práxis* humana.

A relação que o homem tem com a natureza é de caráter social, pois reflete as ações humanas. Os efeitos de sua transformação nem sempre são notados com imediatidade, mas o certo é que as transformações experimentadas produzirão respostas sob as mais diversas formas, mas geralmente, catastróficas. No mesmo sentido as conclusões de Köhler e Butzke⁵, quando ensinam que: "O homem está alterando a natureza de forma desmedida, em benefício próprio, e para satisfazer sua ambição". Exemplo disso são o aquecimento global e o derretimento das geleiras como resultado das ações do homem. À medida que ele tenta dominá-la, ela reage, deixando para trás efeitos nem sempre assimilados pelo homem. Desse modo, torna-se uma categoria histórico-social.

Em rigor, o processo de trabalho é uma correlação de forças internas com a própria natureza, na medida em que o próprio homem é parte da natureza. Portanto, a realização da essência humana se dá devido à mediação do trabalho universal concreto. Essa dialética (*homem-natureza*) é vista, ao mesmo tempo, como naturalização do homem e humanização da natureza. Toda a ação do homem sobre o mundo natural é uma ação de humanização da natureza, porém, é também uma naturalização do homem, pois ele deve desenvolver suas potencialidades internas para criar tudo a partir do trabalho. É a transformação da natureza e do homem a partir do trabalho.

Na tentativa de dominação das forças naturais, ou seja, pelo trabalho, o homem produz um incessante "estranhamento" devido à interação existente entre trabalhador, trabalho e natureza. Isso decorre das condições criadas pela divisão do trabalho e pela propriedade privada, na medida em que objetiva o produto desse trabalho.

Por isso, em vez de o homem se realizar em seu trabalho, dele se aliena; em vez de se reconhecer em suas próprias criações, o ser humano se sente ameaçado por elas; em lugar de se libertar, acaba envolvido em novas opressões. Em vista disso, Marx viu na alienação humana o lado negativo do trabalho.

Entretanto, a utilização da força do trabalho opera como um mecanismo da construção e do desenvolvimento históricos da espécie humana. Conseqüentemente, o ser humano, numa concepção marxista, não é uma essência fixa e abstrata, mas um vir-a-ser, determinado pelo

⁵ KOHLER, Graziela de Oliveira e BUTZKE, Arlindo. Mudanças climáticas e o Direito: breves considerações. Revista do Curso de Direito da FSG, n. 8, jul./dez. 2010, p. 227.

desenvolvimento das forças produtivas. Em última análise, a essência humana são as relações sociais e, por isso, aquela é móvel, dinâmica e histórica como as relações sociais também o são.

O trabalho é, portanto, segundo Marx (1974), a única manifestação da liberdade humana, da capacidade humana de criar a própria forma de existência específica. Não se trata, certamente, de uma liberdade infinita, porque a produção está sempre relacionada com as condições materiais e com as necessidades já criadas, e ditas condições atuam como fatores limitativos em qualquer fase da história.

Assim, é pelo trabalho, como relação ativa com a natureza, que o homem pode ser considerado o criador de si próprio e criador não apenas da sua "existência material", mas também do seu modo de ser ou da sua existência específica, como capacidade de expressão ou de realização de si. Para Marx (1975) a produção e o trabalho não são uma condenação que recai sobre o homem: são, na verdade, o próprio homem, o seu modo específico de ser ou de se fazer homem.

Com o trabalho, não necessariamente no sentido produtivo, mas como toda forma de intervenção e transformação, surge a primeira oportunidade de o ser humano, em contraposição, atuar como participante/sujeito na natureza, ainda que, às vezes, de forma negativa. O homem faz parte da natureza, mas com o trabalho, ele vai além. Não deixa de pertencer, mas passa a pertencer de forma não integral.

Hegel (1995) vai além em seus ensinamentos, haja vista que para esse autor, o trabalho é o conceito-chave para compreensão da superação da dialética, atribuindo-lhe o verbo *superar* de forma ampla: a) negação de uma determinada realidade; b) conservação de algo essencial dessa realidade; e c) elevação a um nível superior.

Nesse aspecto, Marx criticou Hegel, pois esse não teria vivido nessa realidade, apenas em sala de aula e bibliotecas, não enxergando problemas como a alienação no trabalho. Nesse ponto, não se pode concordar com Marx, pois se entende que o problema da alienação no trabalho não é exclusividade da era pós-industrial, ainda que tenha se acentuado muito nesse período. É óbvio que Hegel viveu, sim, essa realidade, mesmo que de modo diferente daquele experimentado por Marx.

Como dito acima, essa dialética *homem-natureza* é vista, ao mesmo tempo, como naturalização do homem e humanização da natureza. Logo, a ação de Hegel (homem) sobre o mundo natural é uma ação de humanização da natureza, portanto, do ponto de vista dialético, inter-relacionado com o todo, como parte dessa natureza, é de se supor que também tenha vivido essa realidade.

Também Gadotti (2006, p. 27), referindo-se ao princípio da contradição, assim ensina: "Esses princípios (ou leis) podem ser aplicados tanto à matéria, como à sociedade humana e aos nossos próprios conhecimentos."

Na ordem, a segunda contradição é justamente essa alienação. O trabalho é a atividade por meio da qual o homem domina as forças naturais, se cria a si mesmo e também se torna seu próprio algoz. Tudo isso devido à divisão do trabalho, à propriedade privada e ao agravamento da exploração do trabalho no capitalismo. Mas não apenas os trabalhadores foram afetados. A burguesia também, visto que, pela busca desenfreada do lucro, não consegue ter uma perspectiva totalizante.

Essa atuação como participante sujeito à natureza resta evidente na chamada correlação do crescimento, lei descoberta por Darwin e apresetada por Engels (1979, p. 23 e ss.), quando ensina que: “o desenvolvimento da mão do homem e a correpondente adaptação dos seus pés ao andar em posição ereta acaretaram, por força da lei da correlação do crescimento, conseqüências para outras partes do organismo”.

Nesse viés, faz outra comparação trazendo à análise a origem da linguagem a partir do trabalho e para o trabalho, citando, ainda, como exemplo o convívio do homem com o cão e o cavalo, que devido a esse convívio desenvolveu-se, nestes últimos, uma percepção auditiva tão sensível que conseguem compreender ainda que, à sua maneira, qualquer idioma.

Quanto ao homem especificamente, em consequência do trabalho e, posteriormente, da palavra articulada, o que contribuiu para o desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, atuou sobre o trabalho, imprimindo-lhe um processo evolutivo maior. Esse processo evolutivo, especialmente pelo seu trabalho, interferiu e interfere, diretamente na relação estabelecida entre o homem e a natureza.

Camargo (2005) ensina que a descoberta do aspecto dual da matéria e do papel fundamental da probabilidade trouxe a incerteza e o acaso para o debate conceitual das ciências. Logo adiante, fala do reencontro do homem com a natureza referindo-se ao surgimento da física quântica e segue em seus ensinamentos afirmando que existe uma interconectividade entre todas as coisas no universo, assim: “em todo o universo não existe nada isolado, fragmentado. Pertencemos a uma só teia, ou, como definem os físicos, a um único “complicado tecido de eventos”, no qual várias relações não lineares se combinam, tanto se alternando como se sobrepondo” (p. 44).

Nesses termos, pode-se afirmar que cada evento recebe influências diretas de todo o universo e, dialeticamente, pode-se referir que o inverso também é verdadeiro. A visão totalizante é necessária para enxergar, e, assim, encaminhar uma solução a um problema. Hegel (1995), ensinava que a verdade é o todo e que, se não enxergamos o todo, podemos atribuir valores exagerados a verdades limitadas, prejudicando a compreensão de uma verdade mais geral. Essa visão é sempre provisória, nunca alcança uma etapa definitiva e acabada. Caso contrário, a dialética estaria negando a si própria.

Isto posto, é fundamental enxergar o todo, mas nunca se tem certeza de que se está trabalhando com a totalidade correta. Porém, a teoria fornece indicações: a teoria dialética chama nossa atenção para as sínteses, identificando as contradições concretas e as mediações específicas que constituem o “tecido” de cada totalidade, sendo que a contradição é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem.

Na dialética, fala-se também na “fluidificação” dos conceitos, porque a realidade sempre está assumindo novas formas, e, desse modo, o conhecimento (conceitos) precisam aprender a ser “fluidos”.

Engels, como Marx, sempre defendeu o caráter materialista da dialética. Engels (1979) resumiu a dialética em três leis. A primeira lei é sobre a lei da passagem da quantidade à qualidade, mas que varia no ritmo/período. A segunda é a lei da interpenetração dos contrários, ou seja, a ideia de que tudo tem a ver com tudo, que os lados que se opõem são, na verdade, uma unidade, da qual um dos lados prevalece. Essa lei vem de encontro com o que acima foi exposto, e também é defendido por Camargo (2005). A terceira lei é a da negação, na qual a negação e a

afirmação são superadas. Porém, essas leis devem ser usadas com precaução, pois a dialética não se deixa reduzir a três leis apenas.

Após a morte de Marx, Lênin foi um dos revolucionários, que lutaram contra a deformação da concepção marxista da história e aplicou os conhecimentos na prática, como na estratégia que liderou a tomada do poder na Rússia. Com a morte de Lênin, vem uma tendência antidialética com Stálin, que foi um grande político, mas que desprezava a teoria. Ele chegou a "corrigir" as três leis de Engels, destacando quatro itens fundamentais: a) conexão universal e interdependência dos fenômenos; b) movimento, transformação e desenvolvimento; c) passagem de um estado qualitativo a outro; e d) a luta dos contrários como fonte interna de desenvolvimento.

A partir dessa luta, chega-se a uma superação do princípio, isto é, atinge-se uma terceira conclusão, que, por sua vez, apresenta um resultado dessa inter-relação entre as teorias, o que seria a síntese.

Enfim, o método dialético nos incita a rever o passado, à luz do que está acontecendo no presente, e questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo, em nome daquilo que ainda não é.

Considerações finais

Com este estudo, conclui-se que a relação homem/natureza sempre interagiu do ponto de vista dialético. O homem com suas ações interferiu (e interfere) no percurso do processo sempre evolutivo da humanidade e, conseqüentemente, na evolução e modificação do Planeta. Se pertencem o homem e a natureza a um único e complicado tecido de eventos, então, as ações do homem interferem no curso da evolução e nos resultados que se manifestam continuamente nas reações da natureza.

Assim, homem e natureza interagem num processo ininterrupto de modo que as relações, às vezes, se alternam, noutras, se sobrepõem, mas sempre interligadas como parte de um todo sem o qual nem um, nem outro existiriam na forma como hoje são conhecidos. A ação do homem em razão do seu trabalho continuará ao longo dos séculos interagindo e transformando o universo e, com isso, também é transformado, vez que é parte inseparável e indissolúvel de um todo.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1970. v. 10.
- CALVEZ, Jean Y. *O pensamento de Karl Marx*. Porto: T. Martins, 1966.
- CAMARGO, Luis Henrique Ramos de. *A ruptura do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*, 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.
- FERNANDES, Florestan et al. (Org.). *Marx/Engels*. São Paulo: Ática, 1989.
- FOULQUIÉ, Paul. *A Dialética*. 3. ed. Porto: Europa-América, 1978.

- GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; LARDIC, Jean-Marie. *Como o senso comum compreende a filosofia*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INTERNET. <http://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/dialetica.html>. Acesso em 05 ago. 2011.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. de Valério Rohden e Udo Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).
- KOHLER, Graziela de Oliveira e BUTZKE, Arlindo. Mudanças climáticas e o Direito: breves considerações. *Revista do Curso de Direito da FSG*, n. 8, jul./dez. 2010.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética?* São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores).
_____. *O Capital*. São Paulo: Abril, 1975. (Coleção Os Pensadores).
- NADER, Paulo. *Introdução ao estudo do Direito*. 20 ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- ORDON, Juan Manuel; MARTINEZ, Thomas C. *História da filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1993. v. 3.
- PEREIRA, Oswald Porchat. *Ciência e Dialética em Aristóteles*. São Paulo: Unesp, 2001.
- POLITZER, Georges; BESSE, Guy; CAVEING, Maurice. *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo: Hemus, 1979.
- RAMOS, César Augusto Duarte. *A alienação da dialética*. São Paulo: Book Brasil, 2003.
- STÁLIN, Josef. *Materialismo dialético e materialismo histórico*. São Paulo: Global, 1982.
- VIEIRA, Antonio Rufino et al. (Coord). *Ética e filosofia crítica na construção do socialismo no século XXI*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.